

Sílvia Marcus de Souza Correa

Doutor em Sociologia. Pesquisador do Centro de Pesquisa em Desenvolvimento Regional (CEPEDER) — Universidade de Santa Cruz do Sul. correa@viavale.com.br.

Raízes

Vol. 21, Nº 02, jul.–dez./2002

Trabalho recebido em
15/09/2003

Aprovado para publicação em
18/11/2003

MIGRAÇÃO E A DESIGUAL DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DO CAPITAL HUMANO

RESUMO

A migração promove um deslocamento de indivíduos e/ou grupos que afeta a distribuição espacial do capital humano numa determinada região. A oferta e a demanda do capital humano condicionam o desenvolvimento regional e, de acordo com as mesmas, os “níveis” de integração dos migrantes podem variar. Tal variação tem relação com o capital humano e social na região. Tendo como estudo de caso a região do Vale do Rio Pardo (RS), Brasil, o escopo deste artigo é apontar algumas implicações da migração contemporânea para a concentração regional de capital humano.

Palavras-chave: integração social, capital social, desenvolvimento regional.

MIGRATION AND THE UNEQUAL SPATIAL DISTRIBUTION OF HUMAN CAPITAL

ABSTRACT

The process of migration promotes the movement of individuals and/or groups that affects the space distribution of human capital in a certain region. Supply and demand of human capital conditions regional development and may cause variation in the “levels” of migrant integration. Such variation has relation with the human and social capital in the region. The target of this article is to point out some of the implications of contemporary migration with respect to the regional concentration of human capital having as a case study the region of the Valley of Rio Pardo (RS).

Key words: migrant integration, social capital, regional development.

1. INTRODUÇÃO

A migração e o desenvolvimento regional formam um binômio cuja relação ainda não foi bem avaliada pelas ciências sociais no Brasil. Na região do Vale do Rio Pardo, situado na parte central do Rio Grande do Sul, a forma de mobilidade espacial mais conhecida é a migração na sua forma clássica campo-cidade. Como apontou Silveira (1997), a estrutura e a dinâmica do complexo agro-industrial tabagista na região do Vale do Rio Pardo são fatores ligados ao êxodo rural e, por conseguinte, ao crescimento demográfico das cidades e ao esvaziamento das áreas rurais. Na região supracitada, o maior ponto de destino da migração é a cidade de Santa Cruz do Sul. Para essa única cidade de porte médio da região dirige-se uma significativa população atraída por melhores expectativas ligadas principalmente às condições de trabalho e aos sistemas de ensino e de saúde.

Mas além do êxodo rural, observa-se igualmente uma migração interurbana na região. Trata-se da trajetória espacial de migrantes de cidades pequenas para a cidade de porte médio de Santa Cruz do Sul. Significa que o maior ponto de destino da migração na região acolhe não ape-

nas migrantes vindos diretamente do campo, como também migrantes que já passaram por uma experiência urbana. Em alguns casos, a experiência em pequenas cidades serve de fase intermediária na trajetória individual ou coletiva entre o campo e a cidade de porte médio. Apesar de ser a última estação para muitos migrantes, a cidade de Santa Cruz do Sul apresenta limites para a integração desta população migrante.

A integração social dos migrantes foi um tema estudado nas ciências sociais, principalmente nos EUA e na Europa central, durante todo o século XX. Atualmente, o debate acadêmico sobre a integração ou a exclusão social dos migrantes e/ou de seus descendentes na(s) sociedade(s) acolhedora(s) tem promovido uma copiosa publicação sobre o tema, principalmente em países europeus como Alemanha e França (Dewitte 1999, Treibel 1999, Schmals 2000, Liénard 2001, Bernard 2002 e Chappaz 2002, Bolzman et al. 2003).

A integração social dos migrantes depende de uma constelação de fatores, dos quais se destaca a inserção no mercado de trabalho. As ocupações exercidas pela maioria dos migrantes acusam o predomínio de atividades manuais com baixa remuneração e sem muitas garantias le-

gais. Além da falta de qualificação profissional da maioria dos migrantes, a quantidade e a qualidade da oferta de emprego no atual mercado de trabalho local têm dificultado a integração social dos migrantes. Para Wink (2000: 222), esta questão aliada, ao intenso processo de mecanização da indústria e à incapacidade de outros setores em absorver satisfatoriamente a mão-de-obra disponível, tem gerado um aumento considerável do número de desempregados, causando ao mesmo tempo a expansão das áreas periféricas e o aumento da população marginalizada.

Apesar de muitos migrantes atuarem nas franjas do mercado formal de trabalho, muitos acabam ingressando no mercado informal e outros exercem mais de uma atividade, caracterizada pela atuação pendular entre o formal e o informal. Por isso, pode-se denominar essa inserção no mercado de trabalho (in)formal como “integração mínima”.

Como única cidade de porte médio da região do Vale do Rio Pardo, o mercado de trabalho de Santa Cruz do Sul atrai igualmente migrantes com elevada qualificação profissional. Além do maior mercado de trabalho da região, os serviços de saúde, ensino e transporte também concorrem para a atratividade desta cidade. Se por um lado, a atração de uma cidade de porte médio contribui para o aumento de uma população migrante em situação sócio-econômica precária; por outro, ela provoca uma concentração do capital humano em termos regionais ao atrair, embora sem a mesma expressão em termos quantitativos, migrantes com alto volume de capital econômico, cultural e social. Assim, para a análise da desigual distribuição espacial numa região, promovida pelo atual fenômeno migratório para uma cidade de porte médio, far-se-á uso do conceito de capital humano de James Coleman (1990) e da teoria dos capitais de Pierre Bourdieu (1979, 1980, 1983).

2. MIGRAÇÃO: UM FENÔMENO SOCIAL PERMANENTE

A migração pode ser entendida como o abandono de um então local de moradia e a procura de uma nova moradia, pretendida como permanente e numa significativa distância da primeira (Schrader 1989: 436). Enquanto mobilidade espacial, a migração vem sendo, há mais de um século, um importante objeto de estudo das ciências sociais nos EUA e na Europa. A temática predominante nas pesquisas sobre imigração é da integração social dos migrantes; por isso, o processo de assimilação foi estuda-

do em profundidade, resultando em diferentes interpretações sociológicas.

O “fundador” da pesquisa sobre migração foi E. G. Ravenstein, que publicou dois trabalhos intitulados “As Leis da Migração”, no *Journal of the Royal Statistical Society* em 1885 e 1889. Com base em dados sobre os movimentos migratórios na Europa e nos EUA, Ravenstein viu na distância geográfica um fator decisivo da migração. Em seus estudos, a *short-journey migration* já aparecia como tendência migratória predominante e a concentração demográfica nos centros urbanos ocorria em detrimento do meio rural, cuja *depopulation* seria uma consequência lógica da migração. Ravenstein afirmava que quanto maior o desenvolvimento dos meios de transporte e da indústria, maior a migração, pois a migração significa dinamismo e progresso; já uma população sedentária induz à estagnação (Ravenstein, 1889: 288). Embora os trabalhos de Ravenstein não apresentem nenhuma teoria válida para as ciências sociais atuais (Hoffman-Nowotny, 1970: 45), seus trabalhos suscitaram novas pesquisas sobre migração.

Nas primeiras décadas do século XX, representantes da Escola de Chicago se debruçaram sobre o fenômeno urbano e sobre a integração social dos migrantes. Louis Wirth e Nathan Glazer elaboraram um modelo seqüencial ecológico (com cinco fases) para explicar a assimilação do judeu na América (Price, 1969: 202-203). Também Robert E. Park e Ernest W. Burgess construíram um modelo interpretativo (*race-relation-cycle*) com cinco fases para analisar as relações interétnicas nos EUA ao longo de seu processo de assimilação. Embora o modelo de Park e Burgess represente um salto qualitativo nas pesquisas sobre migração, houve uma série de críticas discordando que as relações interétnicas conduziram inexoravelmente e num sentido progressivo à assimilação. Segundo Hartmut Esser (1980: 46), estas relações podem resultar em conflito duradouro, opressão e até mesmo em eliminação de um grupo étnico. Defensores do pluralismo também criticaram a lógica do *melting pot*, em que predominaria a cultura da *core society*. Contribuição importante para as ciências sociais foi a do antropólogo Frederik Barth (1969), que apontou para a manutenção das fronteiras étnicas e da possibilidade de integração social por parte das minorias sem a necessária perda da sua identidade étnica.

Na literatura sociológica anglo-saxônica dos meados do século XX predominavam, no entanto, as teses assimilacionistas. Um importante *approach* para os estudos da migração foi elaborado por Shmuel N. Eisenstadt (1952, 1954). A migração seria uma mudança de residên-

cia (physical transition) de um indivíduo ou grupo de um meio conhecido para um outro estranho em termos sócio-culturais (Eisenstadt, 1952: 225). O processo de migração teria três fases, sendo a última de maior duração e respectiva ao processo de assimilação ao novo meio social (Eisenstadt, 1952: 222). Em outro trabalho, Eisenstadt (1954) deu ênfase ao processo de absorção (*the process of absorption*) do migrante na sociedade acolhedora. A perda da identidade étnica e da cultura de origem do migrante (*dispersion*) seria uma condição necessária para sua total integração (*full absorption*) na sociedade acolhedora.

Outro representante da teoria da assimilação é Milton M. Gordon que repousa sua análise na problemática do preconceito e da discriminação, que exclui um indivíduo ou um grupo pelo pertencimento étnico, religioso e/ou nacional (Gordon, 1964: 233). A partir das *ethnic subsocieties* que coexistem nos EUA e da divisão em classes sociais, Gordon elaborou um conceito (*ethclass*) para melhor entender o processo de diferenciação e suas conseqüências na sociedade americana. Para Milton M. Gordon (1964), as minorias étnicas são coagidas a se adaptar à *core culture* e *core society* da maioria dominante, caracterizada pelas palavras *White, Anglo-Saxon and Protestant* (WASP).

A teoria da assimilação de Gordon, no entanto, não se filia aos modelos seqüenciais ou cíclicos, nos quais a assimilação é um processo progressivo e unidirecional. Sua teoria difere o processo de assimilação cultural do estrutural. O primeiro representa a fase de (re)conhecimento da cultura do novo meio social e da sua incorporação parcial. Trata-se da aculturação que Gordon (1964) considera um sinônimo do processo de assimilação cultural. Já a assimilação estrutural é uma segunda fase do processo e de maior importância, uma vez que a primeira não necessariamente redundante na segunda fase, porém a segunda implica a realização da primeira (Gordon, 1964: 81).

Ainda em termos de assimilação estrutural, o casamento entre adventícios e naturais de uma localidade seria uma das formas que Gordon apontou para caracterizar o processo de amálgama étnica. Através do casamento de migrantes com pertencentes da *core society*, as chances de adaptação e de participação social são maiores. Parte decisiva no processo de assimilação do(s) migrante(s) é a identificação com as normas e valores do novo meio social (Gordon, 1964: 80-81), cujo aprendizado pode ser mais rápido na interação doméstica com indivíduos oriundos daquele meio social, onde o migrante busca sua integração.

Outra significativa contribuição teórica para os estudos da migração é a do sociólogo Hans-Joachim Hoffmann-Nowotny (1970). A partir da teoria da tensão estrutural e de anomia de Peter Heinz, a análise de Hoffmann-Nowotny enfatiza o poder e o prestígio enquanto dimensões centrais do sistema social. A tensão estrutural num determinado sistema social tem a ver com a desigual distribuição de poder e prestígio. Quanto menor o prestígio de um grupo numa escala social, maior o seu déficit de poder. As tensões estruturais são determinantes na mudança de um sistema social. A tensão de anomia apresenta-se enquanto conseqüência das tensões estruturais (Hoffmann-Nowotny, 1970: 31-36). O comportamento de anomia está relacionado com a distribuição de poder e prestígio. A mudança de posição de acordo com a escala de prestígio-poder pode ser obtida através de uma mobilidade sócio-espacial. A migração é, portanto, uma forma de mobilidade que o migrante emprega como instrumento para mudança de status e para minimizar os efeitos das tensões estruturais (Hoffmann-Nowotny, 1970: 98).

Como fenômeno multi-causal e complexo, a migração não depende apenas de aspectos macro-estruturais. Aspectos micro-estruturais tem igualmente forte influência no processo migratório. Em termos individuais, a migração é um processo racional e emotivo de decisão, a partir do qual o migrante abandona um contexto conhecido para um novo meio, cuja tensão estrutural foi avaliada como de menor intensidade. Para Harbison (1981:227), no processo de decisão do indivíduo para migrar, quatro questões devem ser consideradas: a) se a mudança ou melhora da situação atual (*availability*) é viável; b) se há suficiente disposição individual para atingir os objetivos visados (*personal strength of the goal*); c) se as expectativas subjetivas podem ser objetivamente realizadas (*expectancy*); e 4) se há condições favoráveis para a interação social, necessárias para a realização das expectativas subjetivas (*incentives*). Além disso, as motivações psico-sociais são fundamentais para entender a migração, especialmente a individual, para além de uma mera *rational choice*. A partir dos dados da pesquisa de Bastine e Girard (1974), percebe-se a importância das motivações individuais na constelação de fatores que explica a dinâmica da mobilidade da população. Os efeitos da migração na esfera subjetiva do indivíduo são vários: insegurança existencial e desorientação oriunda dos processos de “desenraizamento” e dessocialização, stress devido ao processo de aculturação e doenças psicossomáticas e síndrome psico-social do *marginal man*.

Em relação à sua dinâmica, geralmente, o processo migratório é interpretado através do modelo de ajustamento da oferta e da procura (*labor-force adjustment model*) entre regiões. Conforme este modelo, uma parte da força de trabalho da região A migra para a região B, se os salários e as chances de emprego forem na região B melhor do que na região A (Han 2000: 173). O aumento da procura interfere nos salários e nas chances de emprego existentes e pode tornar uma região menos atraente. Assim, pode uma região com evasão de mão-de-obra ter esse processo estancado se os atrativos (*pull factors*) diminuírem alhures ou se ela ter seus próprios atrativos incrementados. Trata-se da função de equilíbrio da migração da força de trabalho em termos de mercado inter-regional.

Diferente desta dinâmica cíclica do *labor-force adjustment model*, o modelo centro-periferia da migração acusa a desigual realidade política e econômica inter-regional como responsável pela manutenção ou aumento das disparidades regionais. Para Ghosh (1996: 83), a evasão de força de trabalho de regiões estagnadas influencia negativamente o seu desenvolvimento econômico e suas perspectivas. A concentração do capital humano em certas áreas de uma região pode não apenas provocar um desequilíbrio intra-regional, mas também inter-regional. Se o desenvolvimento de certas localidades ocorre em detrimento de outras vizinhas, a tendência para uma migração, geralmente caracterizada pelo *flight from land*, aumenta. Isso porque os indivíduos potencialmente migrantes procuram localidades que possam corresponder às suas expectativas pessoais e/ou profissionais. Trata-se da convergência entre suas ambições pessoais e representações construídas e/ou adquiridas sobre o lugar de destino.

Como as representações são construções individuais e coletivas oriundas de diversas informações sobre chances de ocupação no mercado de trabalho, custos com mudança, com moradia e de vida, essas informações têm um papel importante para o indivíduo no seu processo decisório de migrar. Já Ravenstein (1895) havia chamado atenção para o significado das informações para a migração e, por isso também a migração de curta distância é mais frequente, uma vez que a obtenção de informações de lugares distantes é menor. Ao considerar que os novos meios de informação acabaram por invalidar as distâncias espaciais, Han (2000: 175-176) nega o modelo gravitacional de Ravenstein e enfatiza as proximidades geo-culturais, entre o lugar de origem e o de destino, para o predomínio da migração de curta distância. Se as telecomunicações têm lo-

grado informar indivíduos sobre realidades longínquas, sabe-se que no Brasil a geografia ainda pode representar barreiras para aquisição de informações sobre alhures.

Apesar da importância da migração para a desigualdade da distribuição espacial do capital humano em diversas regiões do Brasil, ainda é pequena a literatura especializada sobre o tema. No entanto, os recentes estudos já superaram a relação mecânica de causa e efeito, outrora em voga na sociologia da migração. Significa dizer que a migração não é apenas causa e/ou consequência das desigualdades regionais que condicionam uma certa concentração de capital humano em determinados pontos de destino. A migração é um fenômeno social permanente e sua compreensão sociológica depende de uma constelação de fatores cuja variação entre aqueles principais e secundários depende de certas mudanças estruturais e/ou conjunturais que, por sua vez, têm impacto distinto em cada região.

Aspecto importante da migração das últimas décadas diz respeito ao seu destino. Os dados do último PNAD, realizado pelo IBGE em 1996, acusam uma nova tendência que privilegia as cidades de médio porte em relação às grandes cidades enquanto pólos de atração dos recentes fluxos migratórios.

Essa nova configuração do fluxo migratório está vinculada à dinâmica econômica regional que tem promovido o incremento de certas redes urbanas, principalmente no sul do Brasil (IPEA 2000). Em nível nacional, a importância das cidades médias para uma nova distribuição espacial do contingente migratório já foi percebida no final da década de setenta (Andrade e Lodder 1979). No final dos anos 90, um estudo ratificou a relação das cidades médias emergentes com a dinâmica populacional (Andrade e Serra 1998), seguido de um outro, porém em nível regional, sobre a importância das cidades médias para a desconcentração populacional na região sul do Brasil (Serra, 1999).

Apesar de contribuições recentes sobre a migração e a mobilidade social nas grandes metrópoles brasileiras (Januzzi 2000), estudos sobre as novas tendências migratórias têm ressaltado a importância das redes urbanas e das cidades de porte médio para a distribuição espacial da população migrante (Andrade et al. 2000).

3. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO E DADOS EMPREGADOS

Para a análise secundária foram empregados dados do *survey* realizado na área urbana de Santa Cruz do Sul em

2001. Os dados provem de um projeto de pesquisa sobre mobilidade espacial na região do Vale do Rio Pardo que teve o apoio institucional da Universidade de Santa Cruz do Sul através do Fundo de Apoio à Pesquisa (FAP). A limitação demográfica e espacial do referido *survey* à população urbana de Santa Cruz do Sul se justifica pela expressividade da migração para essa cidade, caracterizada por fluxos interurbanos como também pela forma clássica campo-cidade. Esta última pode ser representada pelo êxodo rural de habitantes do próprio município (= migração rural-urbana intra-municipal) como por habitantes rurais de outros municípios da região (= migração rural-urbana inter-municipal) ou até mesmo de outras regiões vizinhas (= migração rural-urbana inter-regional).

As entrevistadas estruturadas foram realizadas em agosto de 2001 tendo como cálculo para a representatividade das amostras o mesmo do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para Santa Cruz do Sul. O total de entrevistas (N = 544) confere à pesquisa uma margem de erro de 3% e a metodologia empregada foi a mesma da Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílios (PNAD) utilizada pelo supracitado instituto.

A fim de lograr uma análise secundária sobre a integração social dos migrantes em Santa Cruz do Sul a partir dos dados disponíveis, foi considerada como definição operacional para o capital cultural do entrevistado o seu grau de escolarização e para o capital econômico a sua renda média mensal. Para a obtenção de grupos distintos de migrantes — segundo diferentes constelações de capital — foi realizada uma *cluster analysis*, através da qual obteve-se três grupos com a frequência mostrada no Quadro 1.

A frequência obtida para cada grupo traduz *grosso modo* o percentual da posição social dos mesmos na sociedade adotiva ou acolhedora e permite inferir quanto uma posição social depende da constelação de capital cultural e econômico de quem nela se encontra.

Quadro 1

		<i>Frequency</i>	<i>Percent</i>	<i>Valid Percent</i>	<i>Cumulative Percent</i>
Valid	Baixo Capital	95	40,4	65,5	65,5
	Médio Capital	42	17,9	29,0	94,5
	Alto Capital	8	3,4	5,5	100,0
	Total	145	61,7	100,0	
Missing	System	90	38,3		
Total		235	100,0		

3. CORRENTES MIGRATÓRIAS E A DESIGUALDADE DA DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DO CAPITAL HUMANO NO VALE DO RIO PARDO (RS)

Apesar da forma predominante de migração na região do Vale do Rio Pardo (RS) dar-se com o êxodo rural (*flight from land*), as correntes migratórias sazonais também têm expressão na região e sua dinâmica depende das safras como a do fumo, do arroz e do feijão. Mudanças na política agrícola e a oscilação dos preços de certos produtos e insumos agrícolas também afetam os trabalhadores rurais e podem promover indiretamente a migração. A distância percorrida varia e acaba definindo as correntes inter e intra-regionais da migração. Cabe salientar que nos últimos dois anos, uma política financeira de empréstimo para compra da terra favoreceu a aquisição da propriedade rural e, por conseguinte, a redução do êxodo rural na região. No entanto, a migração intra-regional continua.

A migração na região do Vale do Rio Pardo permite inferir uma dinâmica demográfica com diversos desdobramentos como a perda e o envelhecimento da população rural e a concentração humana em núcleos urbanos. A partir destes desdobramentos, novos problemas como o ordenamento territorial e a distribuição demográfica surgem para um desenvolvimento sustentável da região.

No Vale do Rio Pardo, o desenvolvimento urbano e local de Santa Cruz do Sul se constrói em detrimento de áreas circunvizinhas, muitas relegadas ao subdesenvolvimento, embora vinculadas à economia fumageira. No caso de Santa Cruz do Sul, o enclave agro-exportador da fucicultura mantém ainda atual a questão da dependência e também a do caráter exógeno ou endógeno do desenvolvimento. Porém, a partir dos anos noventa, a introdução do conceito de desenvolvimento sustentável deu novas cores às velhas temáticas.

A destinação urbana da migração inter- e intra-regional no Vale do Rio Pardo (RS) sugere novas redes interurbanas e entre o rural e o urbano. Estas são tecidas de acordo com os fatores de atração (*pull factor*) e de expulsão (*push factor*) locais. Em termos regionais, a cidade de médio porte surge como um local de grande atração aos migrantes.

Tendo como base empírica os dados de entrevistas realizadas na área urbana de Santa Cruz do Sul, as análises secundárias permitem constatar

que 43% dos entrevistados são migrantes e a maioria provém da própria região do Vale do Rio Pardo (RS).

O desenvolvimento urbano de cidades de médio porte no Brasil tem chamado a atenção de sociólogos e urbanistas para a influência e participação de tais núcleos urbanos na dinâmica regional contemporânea. Estudos como os de Andrade (1998) e de Serra (1999) demonstram a importância das cidades de porte médio, principalmente para o desenvolvimento regional no Brasil meridional. Enquanto pólos regionais descentralizados de metrópoles, estas cidades têm se destacado no cenário nacional devido às suas alternativas ao desenvolvimento regional, especialmente pela interiorização de recursos (ambientais, humanos, financeiros, tecnológicos, entre outros).

No caso das cidades de porte médio no Rio Grande do Sul, seu desenvolvimento urbano parece ser não apenas uma causa recente da migração regional, como também da imigração realizada no século XIX. As áreas que mais concentram cidades de médio porte são aquelas de imigração e colonização. O crescimento demográfico dessas áreas permitiu a emigração de muitos, mas também a vinda de tantos outros. Assim, o estudo da relação entre migração e cidades de médio porte permite entender melhor a lógica populacional e espacial do desenvolvimento regional do Rio Grande do Sul, especialmente em áreas de imigração e colonização européia.

Como centro da região do Vale do Rio Pardo, a cidade de Santa Cruz do Sul é desde sua origem um ponto de destino de migração, primeiro transatlântica (= imigração européia) e posteriormente inter e micro-regional. O beneficiamento do fumo permitiu à cidade ter o maior parque industrial da região. Ocupando uma área de 464 hectares, o Parque Industrial está localizado às margens da BR 471, com fácil acesso a toda malha rodoviária da região. Aliado à cultura do fumo, tem-se a produção de milho, feijão, arroz, soja, mandioca, flores e hortifrutigranjeiros. Depois do segmento fumageiro, destaca-se o setor do vestuário que é considerado o terceiro pólo do Estado. Seguem-se os setores de alimentação, metalurgia, borracha, plásticos, mobiliário e sementes híbridas.

Segundo dados da Associação Comercial e Industrial (ACI) de Santa Cruz do Sul, o comércio é hoje representado por aproximadamente 2.300 estabelecimentos e mais de 1.700 empresas de prestação de serviços. Lojas de confecções, móveis, eletrodomésticos, joalherias, perfumarias, ferragens, materiais de construção, concessionárias de veículos, autopeças, supermercados, e restaurantes formam

uma rede comercial com estrutura de cidade de médio porte.

Como sede de algumas das principais corporações multinacionais da fumicultura, a cidade de Santa Cruz do Sul situa-se numa posição estratégica em relação à rede urbana da região do Vale do Rio Pardo, constituindo-se numa cidade de médio porte com significativa importância para a economia da sua região e do estado do Rio Grande do Sul. Sua expansão física ao longo das últimas duas décadas tem definido uma configuração urbana diversificada e desigual em constante e rápida transformação.

As áreas-pólo de desenvolvimento tecnológico-científico (Universidade) e de desenvolvimento industrial (distrito industrial) têm sido os principais fatores de atração (*pull factor*) da migração. A expansão física da cidade ocorre, portanto, em função do seu crescimento econômico e demográfico. Com o alargamento de sua periferia, surgem ocupações recentes, intermediárias entre os meios rural e urbano. Nesta fronteira entre o rural e o urbano, concentra-se uma população, migrante na sua maioria, agente de uma dinâmica sócio-espacial muito particular. Por conter um número expressivo de indivíduos em precárias condições materiais, a periferia urbana tem uma grande demanda por assistência social. Sua demanda assistencial acaba definindo aquela população como pobre. Simmel (2002: 56) lembra que os pobres estão mais ou menos na situação de estrangeiros. Le Goaziou e Rojzman (2001: 27-28) também lembram que a *banlieue* contemporânea se confunde com o *ghetto*. Paugam (1996: 571) chama atenção, no entanto, para a diferença entre a *banlieue* francesa e o *ghetto* negro norte-americano, embora ambas áreas enquanto *relégation urbaine* traduzam um fenômeno de segregação espacial. Semelhante ao *ghetto* e à *banlieue*, a favela das cidades brasileiras tem como característica não um composto étnico, mas sim a pobreza. Ela não se constitui mais apanágio das metrópoles brasileiras, mas se faz presente igualmente em cidades de porte médio do Brasil meridional. Assim, a questão da dupla “marginalização” (geográfica e social) parece ainda atual e pertinente ao estudo da integração social de migrantes na sociedade urbana de Santa Cruz do Sul.

Enquanto pobres e “estrangeiros”, os migrantes da periferia urbana sofrem o estigma da marginalização. Acabam sendo vistos como *outsiders* em relação àquela população mais antiga o que exige uma análise sociológica das relações de poder entre estabelecidos e *outsiders* tal como sugerem Elias e Scotson (2000).

Em termos espaciais, a parte meridional da cidade de Santa Cruz do Sul concentra o maior número de migrantes o que permite inferir uma relação estreita entre a demanda do distrito industrial, situado na periferia sul da cidade, e a procura dos migrantes por um lugar no mercado de trabalho e, por conseguinte, no sítio urbano.

O desenvolvimento de Santa Cruz do Sul depende, entre outros aspectos, do capital humano disponível; por isso, além do crescimento vegetativo de sua população, a migração é uma *conditio sine qua non*. A migração serve para “oxigenar” uma sociedade; porém ela pode comprometer o próprio desenvolvimento local e/ou regional ao interferir nas redes de relações existentes. Trata-se da relação entre a migração e a distribuição do capital humano na região. No caso da região do Vale do Rio Pardo, a única cidade de porte médio tem concentrado capital humano através da migração de uma boa parte do estoque regional. Este fenômeno muito conhecido em nível internacional como “drenagem de cérebros” (*brain drain*), especialmente de migrantes latino-americanos, africanos e asiáticos para os Estados Unidos, tem uma proximidade com aquele que ocorre em nível regional no Vale do Rio Pardo, embora não haja nenhuma política nesse sentido.

4. A DIFÍCIL MOBILIDADE DOS MIGRANTES NA SOCIEDADE ACOLHEDORA

Nas últimas décadas, a mobilidade dos migrantes não é apenas espacial. Alguns casos revelam uma ascensão social. Estudos como o de Jannuzzi (2000) mostram que a mobilidade social dos migrantes é mais evidente entre os seus descendentes. Trata-se de uma mobilidade intergeracional. Conforme os dados coletados da pesquisa já referida (Correa 2001), os entrevistados filhos de migrantes têm uma maior mobilidade social do que aqueles cujos pais são também naturais da cidade. Porém a distância intergeracional entre pais e filhos é menor no caso dos migrantes.

As estratégias de mobilidade social vertical e sua relação com a mobilidade espacial ainda não foram estudadas no caso do Vale do Rio Pardo. No caso de Santa Cruz do Sul, a formação de novas espacialidades com uma expressiva população alienígena oferece um campo ideal para pesquisas sobre mobilidade social e espacial em cidades de médio porte, bem como sobre a concentração do capital humano enquanto variável dependente da migração e, por conseguinte, seus desdobramentos no processo de desenvolvimento regional.

No caso de Santa Cruz do Sul, a mobilidade social dos migrantes não se traduz por uma trajetória linear. A posição social na sociedade acolhedora, em geral, se expressa também na forma de inserção na geografia urbana. Como os migrantes com baixo volume de capital econômico e cultural ocupam as áreas marginais da cidade, muitos têm uma mobilidade espacial limitada por uma série de fatores. Entre eles, destaca-se a precária infraestrutura, pois a disponibilidade dos recursos naturais e energéticos, assim como dos serviços de higiene e saneamento básico, varia conforme a organização social do espaço urbano de Santa Cruz do Sul. Essa desigualdade intra-urbana na distribuição e gestão dos seus recursos energéticos, bem como na disponibilidade de saneamento básico, coleta seletiva do lixo e equipamentos educacionais (escolas, centros esportivos...) e de saúde (hospitais, clínicas, consultórios médicos) são os grandes desafios para um desenvolvimento urbano sustentável.

Considerando que o volume do capital social que possui um indivíduo depende da extensão da rede de laços que ele pode efetivamente mobilizar e do volume do capital (econômico, cultural e simbólico) daqueles com quem ele está ligado (Bourdieu, 1980: 02), pode-se inferir que o capital social dos migrantes é inicialmente débil. Assim, as áreas residenciais, onde predomina essa população de “recém-chegados”, são não apenas social e geograficamente marginais, como também se tornam marginais no âmbito das políticas públicas. Nessas áreas periféricas ocorrem as primeiras fases de integração como a adaptativa e instrumental (Eisenstadt 1954). Apesar da heterogeneidade dessas áreas, constata-se uma integração solidária (*integration within the solidarity sphere*) que se expressa pela identificação positiva com o bairro. Cabe salientar que, pelos dados do último *survey* (2001) para a área urbana de Santa Cruz do Sul, os índices de (in)satisfação com o bairro residencial são os mesmos para entrevistados naturais e migrantes. Para os migrantes, essa fase da solidariedade pode ser interpretada como *feeling of belonging to the new society* (Eisenstadt 1953:374). Mas a construção de uma solidariedade implica numa nova identidade que não ocorre necessariamente de forma pacífica. Para muitos migrantes ela representa uma ruptura com sua tradição e pode gerar conflitos de ordem psico-social como sentimento de culpa devido à dissolução de laços sociais e culturais anteriores. A cultura local pode estar orientada por outra constelação de valores, pela qual o migrante apresenta dificuldade ou mesmo resistência para se orientar (*basic cultural incompatibility*). Para Han (2000: 306), essa situação conflitante pode redundar em stress.

Cabe lembrar que a maioria da população urbana de Santa Cruz do Sul é teuto-brasileira. Assim, as influências culturais afro-, ítalo- e luso-brasileiras dos migrantes podem ter um efeito disfuncional tal como demonstrou Todd (1999: 120-127) no caso da cultura hispânica na sociedade norte-americana contemporânea.

A integração cultural (*integration within cultural sphere*) seria uma última e progressiva fase (Eisenstadt 1954: 171-172) no processo de integração dos migrantes à sociedade acolhedora. Sua característica principal é a adoção de formas de expressão emocional e simbólica da sociedade acolhedora (*expressive patterns and symbols of life*) por parte dos migrantes e seus descendentes. A integração cultural faculta os migrantes a dispor de um maior capital social na sociedade local. Porém, se a integração social do migrante for limitada e não superar a “integração mínima”, o capital social tende a se dissipar.

Segundo Bourdieu (1980), o capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à disposição de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e inter-reconhecimento; ou, em outros termos, o pertencimento a um grupo composto por indivíduos que não são apenas dotados de características comuns (suscetível de ser percebidas pelo observador, pelos outros e pelos próprios membros), mas também unidos por ligações úteis e permanentes.

Atualmente, a configuração urbana de Santa Cruz do Sul acusa uma ocupação e uma distribuição territorial desigual segundo grupos sociais e étnicos oriundos de fluxos migratórios irregulares. A cartografia da cidade mostra, portanto, uma similitude entre a marginalização social e geográfica. Vivendo em território híbrido semi-urbano, a maioria da população migrante tem a sua frente um impasse de difícil solução, pois ela não depende apenas de seus esforços individuais e coletivos, mas principalmente da sociedade em geral. Porém, a heterogeneidade provocada pela migração redundando na perda da confiança e, por conseguinte, dificulta a (re)construção do capital social. Bourdieu (1980) concorda que o capital social depende de um mínimo de homogeneidade. Salienta também que os proveitos que oferece o pertencimento a um grupo são os fundamentos da solidariedade que os torna possíveis. Assim, a confiança aparece implícita à necessária solidariedade entre os membros do *in-group*. Com a heterogeneidade étnica e social e a situação claudicante das instituições, há pouca confiança em indivíduos identificados como do *out-group* e há também uma tendência à entropia em termos de capital social.

Algumas reações societárias à migração podem ser observadas através das estratégias de reprodução do capital social. Bourdieu (1980) salienta que a reprodução do capital social é tributária de todas as instituições que visam a favorecer as trocas legítimas e a excluir aquelas ilegítimas ao produzir ocasiões, lugares e práticas a fim de reunir de maneira aparentemente fortuita os indivíduos mais homogêneos que possível. A reprodução social também ocorre pelo trabalho de sociabilidade, ou seja, uma série contínua de trocas em que se (re) afirma o reconhecimento e que supõe uma dispensa constante de tempo e esforços, além de capital econômico. Dessa forma, as próprias estratégias de reprodução do capital social em Santa Cruz do Sul acabam corroborando para uma “integração mínima” da maioria dos “recém-chegados”.

Acaba-se por ter uma similitude espacial da concentração de capital econômico, cultural, simbólico e social. Assim, as áreas menos favorecidas em termos de infra-estrutura são aquelas com maior densidade demográfica e menor concentração de capital. Nessas áreas, encontra-se a maior parte da população migrante.

A população suburbana de Santa Cruz do Sul é composta em grande parte de migrantes e apresenta um alto grau de rotatividade na sua área habitacional. Trata-se de uma dinâmica interna (intra-urbana) que está vinculada à mobilidade social dos migrantes e seus descendentes. Assim, a mudança residencial dos migrantes pode ser um resultado de sua nova situação sócio-profissional que lhe permite atualizar — através de uma nova residência e nova vizinhança — seu novo status. Segundo pesquisa já referida (Correa 2001), 31,5% dos casos válidos com entrevistados migrantes apontaram a aquisição da casa própria como principal motivo da mudança residencial e 4,1% apontaram a questão da segurança e 8,2% a localização mais central.

A mudança residencial dos migrantes ascendentes não representa, no entanto, a regra. Muitos permanecem no bairro e procuram melhorar sua condição sócio-residencial através de reformas ou até mesmo a aquisição da casa própria. Segundo a pesquisa supracitada, 50,7% dos casos válidos com entrevistados migrantes não trocaram nenhuma vez de residência. Assim, têm-se dois casos de migrantes que — em caso de ascensão social — buscaram através da mudança residencial uma adequação habitacional ao seu novo status. O primeiro grupo acaba mudando de residência a fim de melhor atender suas expectativas sociais, e o segundo se mantém no mesmo lugar, mas opera melhorias físicas no domicílio que acusam sua ascensão face à vizinhança.

Apesar desses casos, tem-se uma rotatividade nas áreas residenciais (com população de predominância alienígena) vinculada à falta de ascensão social. A imobilidade social ou a queda social obrigam muitas vezes migrantes e seus descendentes a procurarem áreas com aluguéis mais baixos e de condições mais modestas. Entre os motivos da mudança residencial, o aluguel mais baixo foi apontado por 16,4% dos casos válidos entre os entrevistados migrantes em Santa Cruz do Sul.

Assim, a rotatividade é caracterizada pela partida de algus, cuja mobilidade intra-urbana está geralmente vinculada à mobilidade social, e a chegada de outros, cujo advento está ligado à mobilidade espacial inter-urbana ou campo-cidade. Essa rotatividade pode dificultar a auto-organização de associações pela comunidade local dessas áreas. Porém, nessas áreas suburbanas de alta rotatividade, têm-se baixos níveis de capital social. Geralmente, o capital social de uma cidade de porte médio não conta com a adesão de migrantes recentes. A adesão voluntária dos migrantes às associações, sindicatos e clubes depende do processo de integração social dos mesmos. Para a formação de capital social, os migrantes com mais de dez anos de residência parecem ser mais ativos que aqueles recentes. Tratam-se de migrantes integrados social e culturalmente. Isso comprova de certa forma o enunciado de Luhmann (2000) de que confiança tem a ver com tempo.

Como a maioria dos migrantes se encontra naquela situação de “integração mínima”, poucos são os migrantes cuja interação tem desdobramentos no capital social local. Considerando o capital econômico e cultural dos entrevistados migrantes pode-se perceber diferentes percepções frente à integração social.

Comparando a satisfação com o bairro residencial de entrevistados migrantes e naturais com baixo capital cultural e econômico, pode-se observar uma maior insatisfação por parte dos primeiros. Essa correlação estatisticamente significativa ($P = 0,008$) permite auferir que — além da privação cultural e econômica — o “estranhamento” social corrobora para a insatisfação dos migrantes. Já os índices de (in)satisfação com o bairro residencial de migrantes e naturais com médio e alto capital (econômico e cultural) são os mesmos. Os índices de (in)satisfação destes grupos em relação à cidade também não diferem.

Através das uniões conjugais com habitantes locais pode-se averiguar se há uma distinta integração entre migrantes com baixo, médio e alto capital cultural e econômico. Entre os casos válidos de entrevistados migrantes, 28% dos cônjuges são naturais de Santa Cruz do Sul. Tendo como con-

trole a variável da constelação de capital cultural e econômico, percebeu-se que tanto o grupo com baixo capital como aquele com médio e alto capital apresentam o mesmo índice percentual de matrimônios com cônjuges locais. Tal incidência permite inferir que o casamento com naturais não pode ser um indicador de integração social distinta entre os diferentes grupos de migrantes. Isto não invalida a hipótese de que o casamento represente uma estratégia de mobilidade social e, por conseguinte de integração. Esta hipótese implica na questão da confiabilidade, necessária para a constituição do capital social. Desse modo, os migrantes têm condições mais favoráveis de integração social, se logram firmar laços de confiabilidade. Neste caso, o casamento com habitantes locais seria uma das formas de integração, bem como de ratificação da confiabilidade em relação ao migrante, independente do seu capital econômico e cultural.

5. CONCENTRAÇÃO DE CAPITAL HUMANO E DA POBREZA

A visibilidade de diferentes grupos sociais de migrantes permite inferir através da *cluster analyse* distintas correntes migratórias no que tange ao capital humano. Embora a maioria do contingente migratório (65%) apresenta um baixo capital cultural e econômico, não se deve desconsiderar o impacto de migrantes com capital médio e alto para o desenvolvimento de Santa Cruz do Sul. Professores e pesquisadores universitários, técnicos e profissionais liberais qualificados formam um grupo de migrantes distinto daquele grupo formado por migrantes sem qualificação profissional e cuja conversão do seu *know how* e *background* é quase nula no mercado urbano de trabalho. Essa “descapitalização” do migrante percebe-se bem no caso do êxodo rural, pois no meio urbano o camponês tem, geralmente, pouquíssimas chances de ter sua experiência agrícola aproveitada em sua nova atividade ocupacional. Cabe salientar que 38,7% dos casos válidos entre os entrevistados migrantes apontaram a agricultura ou a agro-pecuária como atividade ocupacional paterna. Desse modo, pode-se inferir que o maior ponto de destino da migração no Vale do Rio Pardo concentra não apenas um importante estoque de capital humano, mas também a pobreza.

Os migrantes qualificados desempenham, em geral, suas conhecidas atividades ocupacionais e, muitas vezes, o emprego é a causa da sua migração enquanto que, para os migrantes com baixo capital cultural e econômico, a migração é uma busca por melhores oportunidades de emprego.

A “preferência” residencial também se mostra distinta entre os dois grupos de migrantes. Enquanto a localização residencial do grupo de migrantes profissionais qualificados é predominantemente na parte setentrional da cidade, a dos migrantes com baixos índices de capital cultural escolar, social e econômico se concentra na parte meridional.

As implicações dessas duas correntes migratórias para o desenvolvimento regional são diversas. Entre elas, destaca-se o desequilíbrio da distribuição do capital humano disponível numa região. No caso do Vale do Rio Pardo, a atratividade de Santa Cruz do Sul concentra um capital humano qualificado constituído também por adventícios. Segundo pesquisa já mencionada, 26,7% dos entrevistados com alto capital são migrantes. Desses migrantes, em torno de 60% são oriundos de municípios da região do Vale do Rio Pardo. Esse alto percentual permite inferir uma “fuga de cérebros” (*brain drain*) para Santa Cruz do Sul que acaba sendo um dos fatores responsáveis pelo aumento de capital humano em Santa Cruz do Sul e um dos fatores de “descapitalização” de outras localidades do Vale do Rio Pardo. Considerando que muitos indivíduos qualificados da região também migram para outras cidades como Santa Maria e Porto Alegre, o que caracteriza uma migração inter-regional, a estimativa de uma expressiva dispersão do capital humano regional é plausível.

Em Santa Cruz do Sul, o percentual de naturais e adventícios com baixo capital corresponde a 53% do total de entrevistados. Esse seria o outro lado da moeda no que concerne à migração para Santa Cruz do Sul. Os efeitos dessa migração também são inúmeros. Entre eles, destacam-se a “favelização” da periferia urbana e o aumento da criminalidade, além do acirramento das questões relativas à sustentabilidade do desenvolvimento urbano.

Em termos de capital social, a chegada de novos indivíduos provoca alterações no convívio social da sociedade acolhedora e coloca em risco a confiabilidade. A falta de confiança está vinculada a uma série de fatores. Estudos sobre o capital social (Knack/Keefe 1997; Bornschie 2001) apontam para uma alta confiança em sociedades com alto nível de instrução e com pouca desigualdade de renda. No Brasil, em geral, essas variáveis podem também ser responsáveis pela baixa confiança.

No caso específico de Santa Cruz do Sul, 70,6% dos entrevistados migrantes possuem um baixo nível de escolarização (= analfabetos e ensino fundamental (in) completo). Comparando o grau de escolarização dos adventícios com os naturais, tem-se uma relação estatisti-

camente significativa desfavorável aos primeiros. Considerando a importância do capital social para o ingresso no mercado de trabalho (Paugam 1996: 569), pode-se inferir as dificuldades da maioria dos migrantes em mobilizar seu parco capital a fim de lograr uma integração social satisfatória.

A heterogeneidade étnica e social provocada pela migração corrobora igualmente para a dissipação daquela confiabilidade tecida historicamente pelo associativismo de imigrantes alemães e seus descendentes. A heterogeneidade já foi considerada como uma variável explicativa da baixa confiança em uma sociedade (Bornschie 2001: 470). A heterogeneidade etno-lingüística também já foi apontada como outra variável explicativa da baixa confiança. (Knack/Keefe, 1997).

Em Santa Cruz do Sul, o aumento de migrantes de origem étnica distinta à maioria étnica alemã redundava numa heterogeneidade etno-lingüística com possíveis desdobramentos na confiabilidade e, por conseguinte, no capital social local. Além dessa questão etno-lingüística, a baixa instrução e as desigualdades de renda concorrem, em geral, para uma baixa confiança na sociedade civil. A migração dos “deserdados” do sistema escolar acirra a desconfiança na sociedade de destino e, por conseguinte, compromete o seu desenvolvimento.

Dos entrevistados migrantes, 60,8% não têm origem étnica alemã. Apesar do grau de (in) satisfação dos migrantes e dos naturais em relação à cidade de Santa Cruz do Sul ser o mesmo em termos percentuais, verifica-se uma variação percentual entre os migrantes com origem étnica alemã (18,7% de insatisfação) e aqueles com outra origem étnica (22,3% de insatisfação). A pequena diferença percentual em relação à satisfação urbana desses grupos migrantes, permite inferir que a questão étnica tem pouca relevância na constelação de variáveis que explica a satisfação dos migrantes em Santa Cruz do Sul.

Através de uma análise de regressão, outras variáveis como o grau de escolaridade, o nível de renda mensal e o tempo de moradia foram apontados como *predictors* do grau de satisfação dos migrantes em relação à cidade de Santa Cruz do Sul. Assim, o grau de satisfação urbana dos migrantes pode ser interpretado com um sintoma da sua acomodação. Não significa dizer que entrevistados com baixo capital cultural escolar e econômico apresentam maiores índices de insatisfação. Para entender a paradoxal incoerência daqueles migrantes situados nos patamares de uma “integração mínima” mas que acusam uma satisfação enquanto cidadãos de Santa Cruz do Sul, é pre-

ciso levar em conta as suas condições originárias. Dito de outra forma deve-se atentar para o ponto de partida desses migrantes. Já os migrantes com maior volume de capital (escolar e econômico) tendem a ser mais realistas, embora suas expectativas correspondam ao maior volume de capital.

Os níveis de integração são, portanto, distintos e nem todos apresentam os mesmos critérios. Significa dizer que a questão étnica, por exemplo, pode ser um obstáculo em níveis superiores da integração na sociedade local. A análise dos dados referentes à variável discriminação étnica permite inferir que a intensidade dessa discriminação aumenta nos níveis superiores da integração. Com uma correlação estatisticamente significativa ($P = 0,001$) entre escolaridade e percepção da intensidade da discriminação, pode-se constatar que os migrantes com maior grau de escolarização apontam para uma maior intensidade da discriminação que aqueles migrantes com baixo capital cultural escolar.

Conforme os dados de um *survey* realizado no município de Santa Cruz do Sul em 1996, 64,3% dos entrevistados acusaram uma origem alemã (Correa 2001: 65). Assim, os migrantes de origem étnica distinta constituem minorias. Mas não é apenas o fato de formarem minorias étnicas que dificulta a integração social dos migrantes. A condição de “recém-chegados” concorre igualmente para a sua marginalização social e espacial. Assim, a imagem dos migrantes está condicionada não apenas à genérica condição sócio-econômica desfavorável, mas ao predomínio local de uma população culturalmente e etnicamente homogênea.

Em relação às culturas e identidades étnicas de uma região, cabe ainda destacar um aspecto sócio-cultural importante para o desenvolvimento regional. Trata-se da identidade regional. A precária identidade regional é um sintoma da pouca confiança existente no seio de uma sociedade heterogênea e institucionalmente claudicante. Sem a confiança, qualquer esforço empregatício de capital social necessário ao desenvolvimento regional tende à entropia.

Os preconceitos étnicos e sociais, ao comprometer a construção de uma identidade regional no Vale do Rio Pardo, podem servir como elementos para uma exacerbação de uma identidade étnica, pretensamente regional, e redundar numa forma radical de regionalismo, gerando empecilhos de ordem sócio-cultural para o desenvolvimento regional.

A integração social dos migrantes depende da melhoria de sua posição sócio-econômica, pois é ela que lhes

permitirá uma participação constante em diversos campos da sociedade local. Caso contrário, a participação dos migrantes nestes campos será sempre aleatória e fortuita e caracterizada pela “integração mínima”.

Como a baixa confiança é recíproca por parte de adventícios e naturais, não se trata de ter o forasteiro como responsável pela dissipação do capital social local, nem ter o habitante autóctone como xenófobo. Também não se trata de criticar negativamente a migração e sim de acusar a precária integração social dos migrantes na sociedade acolhedora. Uma maior integração social destes facilitará sua identificação com o novo meio e seus co-habitantes, condição necessária para uma confiabilidade recíproca através da qual pode-se, junto com a *civic cooperation* e a identidade regional criar propulsores culturais ao desenvolvimento.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas últimas décadas do século XX, o sonho de “viver em cidades” tornou-se uma realidade para a maioria dos brasileiros, especialmente no sul. A mobilidade espacial — caracterizada principalmente pelo êxodo rural — provocou um desenvolvimento urbano e, em muitos casos, um subdesenvolvimento rural, principalmente, devido ao decréscimo da população economicamente ativa no campo. Outro aspecto importante da migração das últimas décadas diz respeito ao seu destino. A análise dos dados do IBGE (PNAD 1996) acusa uma nova tendência que privilegia as cidades de médio porte em detrimento das grandes cidades enquanto pólos de atração dos recentes fluxos migratórios.

Ao lado do consumo, a expansão dos sistemas de saúde, de educação e do lazer favorece os centros médios do interior do Rio Grande do Sul. Desse modo, as cidades de porte médio como Santa Cruz do Sul tendem a sofrer um processo de diversificação não apenas econômico e social, mas étnico e cultural.

A duração e a forma de integração social dos migrantes permitem auferir um processo seletivo que favorece certos grupos em detrimento de outros e que condicionam a distribuição destes no espaço urbano. A migração não é apenas um deslocamento geográfico (*physical transition*), mas uma mudança socio-cultural com desdobramentos psico-sociais. Empregando uma linguagem metafórica, a migração representa um “desplante” (= desenraizamento) de um indivíduo ou grupo sem garantias de implantação no novo espaço social. A perda total ou parcial dos antigos laços sociais mais a dificuldade de construir no-

vas redes de sociabilidade podem deixar o migrante “desplantado” por um tempo indeterminado. A superação dessa situação intermediária do transplante depende, entre outros fatores, das condições subjetivas e materiais do migrante. Essa situação pode se tornar crônica em função de obstrução no processo de integração, pois os riscos de que a transplantação não tenha sucesso são grandes devido às precárias condições de absorção da sociedade acolhedora regional e pelo baixo capital global dos migrantes em geral. Assim, o processo de “enraizamento” no novo meio social pode ter longa duração e dependerá do curso do processo de integração social do migrante. Nesse processo de desplante/transplante/implante, o desempenho de certos papéis sociais é fundamental e, em determinados casos, serve de catalisador à integração social. Um exemplo seria a obtenção de uma atividade ocupacional correspondente às expectativas do migrante. Cabe destacar, no entanto, que mesmo tendo um meio propício para “enraizar-se”, o migrante tem diante de si diversos processos (adaptação, aculturação, integração) de curto, médio e longo prazo.

Esses processos podem ter uma série de impactos negativos na sociedade acolhedora e nos próprios migrantes quando estes ficam “desenraizados” por um longo período. Neste caso, a dessocialização destes indivíduos pode contribuir para o aumento da violência, da perda de confiança e, por conseguinte, para a destruição de certas redes de sociabilidade existentes. Com uma morosa e débil integração dos migrantes e sua concentração em áreas suburbanas, os conflitos sociais em Santa Cruz do Sul tornam-se elementos pertencentes a um cotidiano marcado pela degradação do meio ambiente e das condições de vida. A situação espacial e social marginal dos migrantes gera igualmente alterações no espaço físico e simbólico da cidade, cujo estudo permite ampliar o conhecimento sobre as limitações da sustentabilidade do desenvolvimento urbano local.

A partir da análise secundária dos dados, algumas questões ligadas ao desenvolvimento regional no Vale do Rio Pardo puderam ser elaboradas a partir do fenômeno da migração. Como a migração intra-regional do Vale do Rio Pardo tem como maior ponto de destino a cidade de porte médio de Santa Cruz do Sul, pode-se inferir que ela concentra não apenas a pobreza em sua nova forma, ou seja, da exclusão social urbana (Pochmann et al. 2003; Carvalho 2003), mas também concentra o capital humano da região através de um tipo de *brain drain*, especialmente nas áreas técnico-científicas e de profissões liberais.

A desigual distribuição do capital humano na região expressa, por sua vez, outras desigualdades e disparidades intra-regionais.

Cabe salientar que a migração não é a causa dos males que afligem o migrante ou a sociedade acolhedora. A precária integração social e a falência de certas instituições acabam corroborando para uma “integração mínima” de muitos migrantes, pois a “descapitalização” sofrida pelo migrante de baixo volume de capital (econômico, social e cultural) condiciona a mobilidade espacial e social na sociedade acolhedora. As considerações possíveis a partir da análise secundária dos dados disponíveis, da bibliografia temática e das observações *in loco* apontam para a necessidade de um *survey* específico sobre a migração e seus efeitos na (re)construção do capital social a fim de poder responder de forma satisfatória as questões aqui abordadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, T. A.; LODDER, C. A. *Sistema urbano e cidades médias no Brasil*. IPEA — Coleção Relatórios de Pesquisas, Rio de Janeiro: IPEA / INPES, 1979.

ANDRADE, T. A. & SERRA, R. V. *O recente desempenho das cidades médias no crescimento populacional urbano brasileiro*. Rio de Janeiro: IPEA, Texto para discussão n° 554, 1998.

ANDRADE, T. et al. Fluxos migratórios nas cidades médias e regiões metropolitanas brasileiras: A experiência do período 1980/96 In: http://www.ipea.gov.br/pub/td/td_2000/td0747.pdf

BASTIDE, H./GIRARD, A. *Mobilité de la population et motivations des personnes : une enquête auprès du public*. III. Les facteurs de la mobilité. Population: XXXIX, 6, Paris, 1974.

BERNARD, Philippe. *Immigration: le défi mondial*. Éditions Gallimard: Paris, 2002.

BOLZMAN, Claudio et al.. *Secondas — Secondos. Le processus d'intégration des jeunes adultes issus de la migration espagnole et italienne en Suisse*. Seismo Verlag: Zurique, 2003.

BORNSCHIER, Volker/LEICHT, Michael. Befähigung zu Sozialkapitalbildung und wirtschaftlicher Erfolg im entwickelten Kapitalismus — neue Evidenzen aus Ländervergleichen 1980-1997. In: Schweizerische Zeitschrift für Soziologie. Zúriqúe, Seismo, vol.26 (2), p. 373-400, 2000.

BORNSCHIER, Volker. Trust and Tolerance — Enabling Social Capital Formation for Modern Economic Growth and Societal Change. In : www.bus.uts.edu.au/apros2000/Papers/Bornschie.pdf

BORNSCHIER, Volker. Gesellschaftlicher Zusammenhalt und Befähigung zu Sozialkapitalbildung — Determinanten des generalisierten Vertrauens im explorativen Vergleich demokratischer Marktgesellschaften. In : Schweizerische Zeitschrift für Soziologie. Zúriqúe, Seismo, vol.27 (3), p. 441-473, 2001.

BOURDIEU, P. Les trois états du capital culturel, in: Actes de la recherche en sciences sociales, n°30, Paris, 1979.

BOURDIEU, Pierre. Le Capital Social. Actes de la Recherche en Sciences Sociales. Paris, n. 31, p.2-3, 1980.

BOURDIEU, P. Ökonomisches Kapital, kulturelles Kapital, soziales Kapital, in Kreckel, R. (org.) Soziale Ungleichheit., Göttingen., 1983, p.183-198.

CARVALHO, Edemir. Exclusão Social e Crescimento das Cidades Médias Brasileiras. In: <http://www.ub.es/geocrit/sn/edemir.htm>

CHAPPAZ, Séverine (dir.) Les migrations internationales. Cahiers Français, n.307, La documentation française: Paris, mars/avril 2002.

COLEMAN, James. Foundations of social theory. Belnap.1990.

CORREA, Sílvio M. de S. Zur ethnischen Identität der Deutschstämmigen in Santa Cruz do Sul. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

DEWITTE, Philippe (org.) Immigration et intégration. Éditions La Découverte: Paris, 1999.

EISENSTADT, Shmuel N. Institutionalization of Immigrant Behaviour. In: Human Relations 5, 1952, p.373-395.

EISENSTADT, Shmuel N. The Absorption of Immigrants. A Comparative Study. Based Mainly on the Jewish Community in Palestine and the State of Israel. London: Routledge & Kegan Paul LTD, 1954.

ELIAS, Norbert, SCOTSON, John L. Os estabelecidos e os outsiders. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 2000.

GHOSH, Bimal. Economic Migration and the Sending Countries. In: VANDEN BROECK, Julien (org.) The Economics of Labour Migration. Cheltenham/Vermont: Edward Elgar, 1996, p.77-113.

HAN, Petrus. Soziologie de Migration. Stuttgart: Lucius & Lucius, 2000.

HARBISON, Sarah F. Family Structure and Family Strategy in Migration Decision Making. In: DE JONG, Gordon F. e GARDNER, Robert W. Migration Decision Making. Multidisciplinary Approache to Microlevel Studies in Developed and Developing Countries. Nova Iorque, Pergamon Press, 1981, p.225-251.

JANNUZZI, Paulo de Martino. Migração e mobilidade social. Migrantes no mercado de trabalho paulista. São Paulo: Editora Autores Associados/FAPESP/UNICAMP, 2000.

KNACK, Stephen, KEEFER, Philip. Does Social Capital Have an Economic Payoff? A Cross-Country Investigation. Quarterly Journal of Economics 112 (4), 1997, p.1251-1288.

LE GOAZIOU, Véronique, ROJZMAN, Charles. Les Banlieues. Le Cavalier Bleu Editions: Paris, 2001.

LIÉNARD, Georges (org.). L'Insertion: défi pour l'analyse, enjeu pour l'action. Pierre Mardaga Éditeur: Sprimont, 2001.

LUHMANN, Niklas. Vertrauen: Ein Mechanismus der Reduktion soziale Komplexität. Stuttgart: Lucius & Lucius, [1968] 2000.

PAUGAM, Serge (org.). L'Exclusion. Éditions La Découverte: Paris, 1996.

POCHMAN, Marcio, AMORIM, Ricardo. Atlas da Exclusão Social no Brasil. Editora Cortez: São Paulo, 2003.

POCHMAN, Marcio (org.). Atlas da Exclusão Social no Brasil. Dinâmica e Manifestação Territorial. vol. 2. Editora Cortez: São Paulo, 2003

RAVENSTEIN, Ralf. The laws of migration, 1895.

SCHMALS, Klaus (org.) Migration und Stadt. Entwicklung, Defizite und Potentiale. Opladen: Leske + Budrich, 2000.

SCHRADER, Achim. Migration. In: ENDRUWEIT, Günter, TROMMSDORFF, Gisela (orgs.). Wörterbuch der Soziologie. Stuttgart, 1989.

SERRA, Rodrigo V. “Desconcentração espacial no sul do país: uma análise da situação socioeconômica dos imigrantes que se destinaram para as cidades médias da Região sul na década de 1980”, in: *Boletim Gaúcho de Geografia*, nº 25 — AGB/Porto Alegre, junho de 1999, pp. 108-122.

SILVEIRA, Rogério L. A colonização do território e a produção do espaço urbano-industrial em Santa Cruz do Sul. Revista ÁGORA, Editora da UNISC: Santa Cruz do Sul, v.3, n.1., p.41-74, 1997.

SIMMEL, Georg. Les pauvres. Presses Universitaires de France: Paris, 2ªed., 2002.

TODD, Emmanuel. Le destin des immigrés. Assimilation et ségrégation dans les démocraties occidentales. Éditions du Seuil: Paris, 1994.

TREIBEL, Annette. Migration in modernen Gesellschaften. Soziale Folgen von Einwanderung, Gastarbeit und Flucht. München: JUVENTA, 1999.

WINK, Ronaldo. Santa Cruz do Sul e sua evolução urbana:1855-2000. 2000. Tese (Mestrado em Desenvolvimento Regional), Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul.